REVISTA AMAUTA: Intelectuais, redes e militância política

MARIA HELENA DOMINGOS*[1]

> "Tenho uma declarada e enérgica ambição: contribuir para a criação do socialismo peruano. [...] Avança-se para o socialismo. [Mas] isto não quer dizer, absolutamente, que o socialismo seja possível antes que o proletariado adquira consciência da sua missão histórica e se organize e se discipline politicamente."
> (José Carlos Mariátegui, 1928)

Mariátegui é conhecido por ser o fundador da Revista peruana *Amauta* (1926-1930) e do Partido Socialista Peruano (1928), além de participação na organização da Central Geral dos Trabalhadores do Peru. Mas, também é um dos precursores do marxismo na América Latina e já foi tema de vários trabalhos, tanto por pesquisadores da América Latina quanto fora do continente.

Sua vasta obra escrita e o seu envolvimento na sociedade de sua época deram ao peruano a referência de ser o "Gramsci da América Latina", o "amauta", sábio, mestre em quéchua. Entre nós, somente em 1975 foi traduzido para o português seu livro mais famoso: *Sete Ensaios de interpretação da realidade peruana* (MARIÁTEGUI, 1975), prefaciado por Florestan Fernandes, que destacou sua sociologia crítica e militante.

Michel Lowy (LOWY, 1999) também deteve-se sobre a obra desse jornalista e escritor, analisando não só as características peculiares de seus escritos mas inserindo-as no contexto de sua produção. Lowy é um dos estudiosos que chama a atenção para a heterodoxia de Mariátegui, não somente em relação ao marxismo, mas no conjunto de sua obra, apontando a seletividade das leituras deste sobre qualquer tema e a forma original com que se apropriou delas para entender sua própria realidade. Segundo Lowy, existe um 'impulso romântico' que atravessa toda a produção mariateguiana, o que lhe dá uma 'qualidade única e uma força visionária'. Em, *Por um socialismo indo-americano* (MARIÁTEGUI, 2005), os textos escolhidos mostram a riqueza temática de

* Mestranda do PPGHIS/UFRJ. Orientanda do Prof. Dr. Fernando V. Castro e bolsista Capes.

Mariátegui e a sua contribuição para a construção teórica de um novo olhar sobre a realidade peruana, sem abrir mão de sua atividade jornalística e editorial.

O número de teses e artigos sobre Mariátegui é grande, e sua variedade temática exemplifica a riqueza do seu pensamento, quando se debruçou sobre a sociedade peruana para investigá-la sob todos os ângulos: políticos, econômicos, culturais, sociais e religiosos. Muitos trabalhos fazem referência à sua trajetória política (ALIMONDA, 1986) outros destacam a sua importância como jornalista e editor, deslocando sua análise sobre a imprensa revolucionária (BRUCKMANN, 2006) e sua intensa participação nos debates mais relevantes de sua época, que congregou intelectuais, estudantes e operários na construção do socialismo peruano.

Leila Escorsim, em seu livro: *Mariátegui, Vida e Obra*, (ESCORSIM, 2006) dialoga com esses pensadores a respeito da heterodoxia de Mariátegui e vê em Mariátegui o propositor e executor de uma 'tarefa americana', que se fez em duas frentes distintas porém não separadas: a organização da cultura e a organização do proletariado. A autora chama a atenção também para a prática de Mariátegui no âmbito do marxismo, apontando sua atuação em contraponto com sua deficiência teórica, o que lhe rendeu uma práxis rica e livre do dogmatismo com que muitos encararam a teoria de Marx. A falta de base para discussões teóricas, fruto de seu autodidatismo e a ausência de uma educação formal foi, nesse caso específico, positivo, se encararmos a maneira que Mariátegui encontrou de lidar com a adequação da teoria (de origem européia) à uma realidade concreta (latino-americana) distinta de seu local de origem, propondo seu socialismo indo-americano.

Todos os trabalhos destacam a forma original como Mariátegui enfrentou sua realidade a partir de seus conhecimentos teóricos, sobretudo a partir de sua volta da Europa, após o exílio que durou de 1919 a 1923. Chamam a atenção para seu projeto de modernização da sociedade peruana através da educação, das lutas estudantis e operárias e sua opção socialista no campo político.

Assim, na divisão da obra e da vida do fundador de *Amauta*, das duas periodizações propostas, o espaço de tempo equivalente a seu exílio na Europa e que foi importante para seu aprendizado e maturidade, separa as duas fases; sendo a primeira fase – a idade da pedra – referente ao período vivido no Peru antes do exílio. A etapa revolucionária, ou segunda fase, corresponde ao período pós-exílio, que começa com as

conferências na Universidade Popular Gonzalez Prada, a fundação de *Amauta*, do PSP, e da CGTP e se concretiza na prática de Mariátegui até sua morte.

A Revista *Amauta* [2], segundo Alberto Tauro (TAURO, 1994), é o palco onde acontece a maioria destes debates, e, a despeito do número reduzido de trabalhos sobre a mesma, vale a pena voltar o olhar sobre esse periódico peruano, desvencilhando-o um pouco de seu fundador, dando-lhe o espaço que merece como órgão difusor da arte e da cultura peruana, contestador da ordem política e econômica vigente, não somente como combatente do imperialismo mas pelo resgate do indígena como componente primordial da sociedade peruana, num tom nunca antes visto naquele país.

Por isso, nosso objeto de trabalho é a Revista, tendo-a como exemplo de periódico que contestou a ordem vigente e propôs uma nova análise da realidade peruana. De forma distinta dos outros periódicos que defendiam, cada um à sua maneira, o partido político de sua preferência, *Amauta* surge com apartidária, um jornalismo independente, para denunciar a forma tradicional de se fazer política restrita às elites herdada do colonizador.

Esse retorno à *Amauta* nos permitirá pensar sobre o papel dos impressos na construção da vida política em geral e das comunidades políticas em particular, sobretudo o caso do Peru de início dos anos 20. Assim, destacamos o papel ativo que teve *Amauta* no processo de transformações culturais, sociais e políticas de sua sociedade.

Com relação aos impressos salientamos sua ligação com o mundo da política, verificada através de sua efetiva participação na constituição e ampliação de uma esfera pública, como veículo de formação da opinião pública e na construção de laços de solidariedade, verificados através da rede formada entre os colaboradores, que, no caso de *Amauta*, abrangia artistas e intelectuais peruanos e escritores de outras regiões do continente latino-americano.

Importa-nos, não somente as estatísticas da Revista, mas igualmente pensar suas estratégias editoriais, a iconografia como complemento de sua linguagem, os autores, os

[2] Sobre a Revista *Amauta* veja o trabalho de TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*. In: Mariátegui Total. Tomo I. Ed. Amauta. Lima. Peru. 1994. O autor faz uma análise quantitativa da Revista, listando seus colaboradores, temas e a freqüência com estes apareceram no periódico. Na introdução narra a história do nascimento de *Amauta* e a escolha do nome e seu significado.

alvos de suas críticas, o público, a posição tomada face à censura, enfim, a historicidade da Revista como documento.

Por questões metodológicas selecionamos para esse trabalho os temas políticos veiculados em *Amauta*, mapeando seus autores, local e ano de publicação, temas abordados e o diálogo com o restante da Revista, sempre tendo em vista que *Amauta* é uma revista de variedades, com temática muito diversificada, mas que tinha como objetivo, colocado em seu primeiro número, investigar todos os movimentos de renovação dentro e fora do Peru.

A apresentação de *Amauta* não deixa dúvidas sobre seu projeto de "formular, esclarecer e conhecer os problemas peruanos a partir de pontos de vista doutrinários e científicos" (AMAUTA, 1926). A proposta não ficou apenas no papel, quando analisamos o conteúdo de *Amauta* verificamos que realmente, o que havia de mais novo e moderno constava em suas páginas, não ficando restrita apenas ao Peru ela dava conta de movimentos importantes em todo o mundo, seja no mundo das artes ou da literatura, da política ou da economia, da educação ou da medicina. A preocupação em modernizar o Peru foi uma constante na vida e na obra do amauta, principal nome da revista e seu editor.

Qual é o contexto de *Amauta*? Herdeira dos debates do início dos anos 20, pós Revolução Russa, crise do pós-guerra (1914-1918), saída dos investimentos ingleses e chegada dos norte-americanos ao Peru; censura por parte da ditadura de Leguía e momento de efervescência dos movimentos estudantis desde 1919 e conseqüente articulação do movimento operário. Ao lado das lutas operárias por 8 horas de trabalho e a briga por melhores preços dos gêneros alimentícios encontramos a demanda dos estudantes pela reforma na educação. Todos esses temas estão em *Amauta*: os sindicatos, as reuniões, os congressos operários, e todas as notícias da Rússia, Itália e outras partes da Europa animavam os debates e as conferências nas Universidades Populares Gonzalez Prada, mesmo antes da fundação da Revista.

Mariátegui porém, já havia tido uma experiência com a fundação da Revista *Nuestra Época* e com o Jornal *La Razón*, que na ocasião foi acusado de fazer oposição ao governo, sendo fechado pela ditadura e tendo seus editores exilados na Europa. Mesmo antes disso, desde muito cedo Mariátegui sempre trabalhou na imprensa limenha, no Jornal *La Prensa* e no diário *El Tiempo.*

Os temas políticos escolhidos para nossa análise compreendem artigos sobre política, política mundial, política peruana e política na América Latina, perfazendo um total de 143 artigos, incluindo temas como nacionalismo, americanismo e antiimperialismo.

Esses artigos tratam de assuntos que estão na ordem do dia, como por exemplo, o conflito entre o Peru e o Chile, a disputa pelo chaco, a intervenção norte-americana na Nicarágua. Pontos de vista americanistas, sobre a APRA, sobre o hispanismo, a América Latina contra o imperialismo são títulos que ilustram o teor da revista. Mas os textos apresentados lançam olhar também sobre o que está acontecendo na Rússia, o resultado do Tratado de Versalles e o conflito chino-japonês, dentre outros.

Na Revista encontramos orientações políticas para o continente, orientações do pensamento político e social e outros problemas contemporâneos, como o fascismo na Itália e a Revolução Mexicana; sem esquecer da reforma na educação, o modelo argentino e a reforma no Chile.

Esta análise nos permite pensar a noção de comunidade argumentativa, reunida ao redor de *Amauta*, as redes formadas pelos intelectuais que publicaram na revista, sendo colaboradores diretos ou não, os atos de fala, verificando os lances efetuados pela Revista e a criação de um vocabulário político novo. Para tanto, trabalharemos, principalmente, com a utilização da metodologia proposta por Skinner (TULLY, 1988) e Pocock (POCOCK, 2003), respectivamente.

Porém consideraremos sempre *Amauta* em seu conjunto, por isso o contexto de sua fundação e a sua história da instituição são fundamentais nesse processo. *Amauta* não nasceu sozinha, ela representa um grupo, que tem uma proposta específica de análise e de divulgação, funcionando não somente como formadora de opinião mas também como divulgadora de opinião nesse mesmo contexto. Ela é espaço de discussão de idéias e representa também o conteúdo para essa mesma discussão.

Nas páginas da Revista verificamos uma temática variada, abrangendo temas como educação, movimentos populares, economia, política, marxismo, arte, cinema, história, sociologia, imperialismo, política na América Latina, política peruana, literatura e etc.

Autores peruanos de destaque têm lugar na revista como: César Vallejo, Jorge Basadre, Luis Valcárcel, Félix del Valle, César Falcón, Martínez de la Torre, José Maria

Eguren, Alberto Sánchez, Eudocio Ravines, César Alfredo Miró Quesada, Carlos Manoel Cox, Haya de la Torre, nomes que mais tarde figurarão à frente de correntes políticas em seu país.

Intelectuais latino-americanos como José Vasconcelos, José Ingenieros, Jorge Luis Borges, Pablo Neruda, Tristán Marof, Diego Rivera, Gabriela Mistral, Julio Antonio Mella, Alfredo Palacios, entre outros, igualmente têm oportunidade de divulgar seus trabalhos e contribuir para a produção do conhecimento, local ou a nível continental, gerando debates em todas as áreas do conhecimento e a divulgação de novos autores e livros através da seção *Libros y Revistas*.

Grandes autores universais se fizeram presentes em *Amauta*: Marx, Sorel, André Breton, Barbusse, Marinetti, Unamuno, Ortega y Gasset, Waldo Frank, Lunatcharski, Romain Rolland, Luis Araquistain, Piero Gobetti, Lênin, Freud, Bukharin, Bernard Shaw, Rosa Luxemburgo, Trotsky e Stalin, dentre outros.

Alguns estudiosos dividem a trajetória da Revista em três etapas: A primeira vai até o número 9, que colocado à venda em junho de 1927 é acusada de complô comunista pelo governo de Leguía. Muitos intelectuais são presos, entre eles Mariátegui, quando *Amauta* foi fechada e voltou a circular em dezembro do mesmo ano. A segunda etapa vai até a polêmica com Haya de la Torre sobre a constituição de um partido único a partir da APRA (Alianza Popular Revolucionaria Americana). Em seu nº 17, o Editorial *Aniversário e balanço* define sua posição socialista. A partir daí, segundo Mariátegui, já cumprida sua primeira tarefa:

> O trabalho de definição ideológica nos parece concluído[...] Encerrou-se a primeira jornada de *Amauta*. Na segunda, não necessita mais chamar-se revista da nova geração, da vanguarda, das esquerdas. Para ser fiel à Revolução, basta-lhe ser uma Revista socialista (AMAUTA, 1928).

A polêmica com Haya de la Torre, sobre a criação do partido, diferente do que era proposto no início com a frente ampla (APRA) se verifica nas páginas da Revista, nesse mesmo número (17) Mariátegui esclarece a nova posição da Revista: "na nossa bandeira, inscrevemos esta única, simples e grande palavra: socialismo. (Com este lema, afirmamos nossa absoluta independência frente à idéia de um Partido Nacionalista, pequeno-burguês e demagógico". Assim, os apristas que antes usavam *Amauta* para

expressar suas idéias e seu programa não mais participam do seu quadro de colaboradores e alguns criticaram Mariátegui acusando-o de europeizante.

Lembremos que Mariátegui colaborava com Haya desde 1923 quando retornou ao Peru; ocasião em que assumiu a direção da Revista *Claridad* quando este foi exilado no México e fundou a frente ampla, cujos objetivos incluía a luta contra o imperialismo.

A fundação do Partido Socialista Peruano (PSP) somente se concretiza em 1928, após a polêmica com Haya de la Torre sobre a transformação da APRA em partido, - dentre outras questões referentes à natureza da luta pela revolução no Peru – mas já se expressava em *Amauta* temas vinculados ao socialismo, sobretudo o europeu, e a luta dos operários pela revolução socialista. Mariátegui sabia que, devido ao reduzido número do operariado no país, não seria possível marcar data pra revolução ocorrer, tinha consciência que haveria um processo, uma etapa de educação e preparação do operariado para a tarefa que lhe era esperada.

Da mesma forma, no ano seguinte, Mariátegui foi um dos fundadores da Central Geral dos Trabalhadores Peruanos (CGTP), justamente o órgão que seria um dos responsáveis pela organicidade do movimento operário peruano. E os leitores de *Amauta* acompanhavam todos os debates, todas as notícias através de suas páginas.

A revista *Amauta*, que começou com apenas 40 páginas e chegou a 104, passando por ela 570 autores, num total de 2304 páginas ao longo de seus 32 números e os 1121 artigos, sem mencionar sua rica iconografia ainda é pouco estudada, geralmente as pesquisas fazem mais referências a Mariátegui e sua obra, esquecendo que *Amauta* é parte da sua obra, mesmo que realizada juntamente com outros intelectuais do período. Mas queremos salientar que, para além destas estatísticas, *Amauta* cumpriu sua proposta de investigar todos os movimentos novos do Peru [e do continente]. Foi importante organizadora da cultura peruana e foi além, funcionou também como organizadora do operariado peruano, inclusive com *Labor* e uma seção dedicada exclusivamente ao camponês: *El Ayllu*.

Antes de fundar *Amauta*, José Carlos Mariátegui já tinha fundado com seu irmão Júlio César, a Librería Editorial Minerva, aliando editora e livraria para se colocar no mercado editorial peruano. O primeiro livro de Maríategui foi lançado nesta editora, *La escena contemporânea* é de 1925. Em fevereiro de 1926 foi lançado o boletim *Libros y Revistas*, destinado a divulgar os lançamentos de Minerva, que servia também para dar

um panorama da cultura contemporânea. Assim, já funcionava antes do lançamento de *Amauta* e foi incorporado a ela desde seu primeiro número.

Vale a pena ressaltar que Mariátegui escrevera sobre a pobreza da Biblioteca Nacional do Peru, a batalha que era conseguir um livro e sobre o problema editorial peruano. Para ele, media-se a cultura de um país pela quantidade de livros e revistas que eram produzidos e que circulavam na sociedade.

Labor foi um desdobramento de *Amauta*. Com circulação quinzenal e dirigido ao público operário e sindical, em suas páginas era realizado um trabalho de informação, propaganda política, organização sindical e debate doutrinário. Surgiu em novembro de 1928 e teve periodicidade irregular por questões financeiras até ser fechado pelo governo Leguía no ano seguinte, em setembro, no seu décimo número. O objetivo era funcionar também como difusor da obra cultural iniciada por *Amauta*.

O quinzenário não tinha estrutura rígida e apresentou seções variáveis entre as quais podemos destacar: os problemas de organização e estrutura sindical, que abrangeram um panorama dos movimentos sindicais a nível mundial, suas formas organizacionais; novos modelos de organização; processos de transformação dos sindicatos na Europa, União Soviética e América Latina. A vida sindical, foi uma seção dedicada às notícias, informações e análises da situação dos diversos sindicatos e grêmios do país, ao mesmo tempo que publicava os chamados, manifestos, estatutos e demais orientações políticas e organizadoras destes sindicatos.

Labor teve uma seção destinada à analise da situação internacional, destacando-se temas como o imperialismo como fenômeno econômico, história do movimento cooperativista na Inglaterra, a ameaça bélica no sul da América, o Pacto Kellog, o problema agrário e a Revolução Mexicana, dentre outros. Além disso, informava sobre as reuniões sindicais e gremiais na América Latina e no resto do mundo, como por exemplo, a Conferência Sindical Sudamericana de Montevideo.

Crítica literária e contos tiveram espaço em *Labor*, ao lado de artigos sobre temas teóricos e de interpretação da realidade peruana e, ainda, uma seção de resenha de livros. Segundo Bruckmann, Mariátegui "recuperou a tradição cultural da imprensa italiana e especialmente de L'Ordine Nuovo, que tanto lhe havia chamado a atenção durante o tempo em que esteve na Itália".

El Ayllu é outra seção de *Labor* mas só apareceu nos dois últimos números, por que o quinzenário foi fechado após uma nota no nº 10 de *Amauta* que reclamava liberdade de imprensa. Justamente nesse número de *Amauta* também foi publicado o manifesto que criara a Central Geral dos Trabalhadores do Peru e dentre as reivindicações apontadas no documento havia a exigência da jornada diária de 8 horas, 40 horas para mulheres e menores de 18 anos e amplo direito de organização operária e liberdade de imprensa e de reunião. Na mesma tiragem veio uma nota de José Carlos Mariátegui pedindo auxilio para propagar e manter o quinzenário.

Desde o início de *Labor* foi publicado artigos dedicados ao problema indígena e à situação agrária no Peru, e a partir do número 9 de *Labor*, os temas indígenas ganham uma seção própria, *El Ayllu*. O projeto era fazer desta seção um periódico independente como se fizera com *Labor*. O campesinato indígena teria um quinzenário dedicado exclusivamente a debater e divulgar temas ligados ao campo. O projeto foi interrompido justamente por causa da censura existente no governo Leguía, que, ao fechar o quinzenário ameaçara fazer o mesmo com *Amauta*.

Amauta foi não somente um espaço importante de debate para a vanguarda peruana, foi a síntese entre a teoria e a práxis de José Carlos Mariátegui e de seu grupo. Foi espaço de debate e conteúdo de debate nesse mesmo espaço. Por isso se torna nosso objeto de estudo, porque além de nos informar sobre as redes formadas por estes intelectuais, os "lances"[3] efetuados e o vocabulário político criado, *Amauta* nos informa, primeiramente, sobre uma sociedade específica e seu contexto histórico – contexto este que passava por transformações e como seus membros lidavam com isso - nos dando a conhecer mais sobre o Peru e sobre a América Latina, inseridos na dinâmica mundial (ou tentando se inserir) como vários outros países do continente, cujo conhecimento nos possibilita avançar no descobrimento de nossa própria história.

Amauta difere-se das outras revistas de sua época que, mesmo com tendências modernizantes, não se propunham transgredir as normas estabelecidas; ela reuniu vanguarda artística e vanguarda[4] política em seu projeto cultural.

---

[3] A perspectiva do "lance" nos remete, segundo Pocock, a um processo no qual um ato de fala é anunciado e de certa forma busca inovar o contexto lingüístico de quem o emitiu, permitindo-nos observar o que um autor ou um grupo estava fazendo na hora da elaboração de seu discurso. Veja POCOCK: *Linguagens do ideário político*. Op Cit.

[4] Não entraremos na discussão sobre que tipo de vanguarda existia na época de Mariátegui, mas assinalamos a importância dessa 'nova geração' para o processo cultural que se iniciou com o grupo

Vale assinalar outras revistas, contemporâneas de *Amauta*: *Claridad* e *Sagitário* na Argentina; *Klaxon* no Brasil, *Revista de avance* e *Revista Social* em Cuba; *La cruz del sur* e La pluma no Uruguai; *Pareceres* em El Salvador; *Repertório Americano* na Costa Rica; *Forma, Crisol, Contemporâneos e Indo-América* no México; *Meridiano* e *Gesta bárbara* na Bolívia; *Atenea* no Chile; *Válvula* e *Cultura venezolana* na Venezuela; e *La motocicleta* e *Savia* no Equador (ESCORSIM, 2006).

Vimos como a Revista é abrangente, e, segundo Alberto Tauro (TAURO, 1994) abriu um ciclo, ao qual fazem parte: *Abcdario, Bolívar, Universidad* – órgão de um grupo socialista-, *Horário, Presente, Frente, Universidad* – editada pelo Departamento de Extensão Cultural da Universidad Mayor de San Marcos e *Signo.*

Os problemas peruanos foram, de fato, a principal matéria-prima de *Amauta*, transformando esta em uma verdadeira ponte entre o Peru, a América Latina e o mundo; cuidando do nacional sem descuidar do universal, como bem disse Mariátegui.

BIBLIOGRAFIA

ALIMONDA, Héctor. José Carlos Mariátegui. S. P. Ed. Brasiliense. 1986.

BRUCKMANN, Mônica. *Dialética e imprensa revolucionária em José Carlos Mariátegui*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. IFCS/UFRJ. 2006.

LOWY, Michel. *O marxismo na América Latina. Uma antologia de 1909 aos dias atuais*. Ed. Perseu Abramo. S. P. 1999.

MARIÁTEGUI, José Carlos. *Por um Socialismo indo-americano*. Seleção e Introdução de Michel Lowy. Ed. UFRJ. Rio de Janeiro. 2005.

_____ *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. S. P. Ed. Alfa- Omega. 1975.

_____ *Mariátegui Total*. Edição Comemorativa do centenário de José Carlos Mariátegui. Tomo I. Ed. Amauta. Lima. Peru. 1994.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do Ideário Político*. São Paulo: Edusp. 2003.

Amauta. Para saber mais sobre as vanguardas latinoamericanas, veja: SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latinoamericanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. Edusp. São Paulo. 1995.

Revista *Amauta*. 1926-1930. Lima. Peru.

SKINNER, Quentin. “Meaning and Understanding in the History of Ideas”. In: TULLY, James (ed.) *Meaning and Context. Quentin Skinner and his Critics*. Princeton: Princeton University Press. 1988.

SCHWARTZ, Jorge. *Vanguardas latinoamericanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. Edusp. São Paulo. 1995.

TAURO, Alberto. *Amauta y su influencia*. In: Mariátegui Total. Tomo I. Ed. Amauta. Lima. Peru. 1994.